



UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
Curso de Psicologia

Leonardo Gonçalves
Thais Maria Gomes

**A ELABORAÇÃO DO LUTO POR ENTES DE PESSOAS
DESAPARECIDAS SOB O OLHAR DA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

PUBLICADO: 12/2023

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i1.4673>

São Paulo
2023

Leonardo Gonçalves

Thais Maria Gomes

**A ELABORAÇÃO DO LUTO POR ENTES DE PESSOAS
DESAPARECIDAS SOB O OLHAR DA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro
– UNISA, como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva.

São Paulo

2023

Leonardo Gonçalves
Thais Maria Gomes

**A ELABORAÇÃO DO LUTO POR ENTES DE PESSOAS
DESAPARECIDAS SOB O OLHAR DA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Psicologia. Orientador: Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva.

São Paulo, ____ de _____ de 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Conceito Final:

Dedicamos a todos que acreditaram
em nosso potencial, família,
mestres e amigos.

AGRADECIMENTOS

A família que nos apoiou na causa e a todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o nosso muito obrigado.

E é, em suma, o subconsciente aí formidando
Da Natureza que parou, chorando,
No rudimentarismo do Desejo!

Augusto dos Anjos

RESUMO

Este estudo tem como objetivo explorar a temática do luto na clínica psicanalítica e possíveis fatores relacionados ao desaparecimento, considerando análises de órgãos públicos. A pesquisa visou compreender, por meio de um estudo exploratório, como a psicanálise pode contribuir para a elaboração do luto diante do desaparecimento de um ente querido. Conclui-se que a elaboração da perda simbólica é crucial e pode ser facilitada pelo processo analítico, permitindo a elaboração e resignificação da perda.

PALAVRAS-CHAVE: Luto. Desaparecidos. Melancolia. Psicanálise. Psicoterapia.

ABSTRACT

This study aims to explore the theme of mourning in psychoanalytic clinical practice and possible factors related to disappearance, considering analyses of public agencies. The research aimed to understand, through an exploratory study, how psychoanalysis can contribute to the elaboration of mourning in the face of the disappearance of a loved one. It is concluded that the elaboration of symbolic loss is crucial and can be facilitated by the analytical process, allowing for the elaboration and resignification of loss.

KEYWORDS: Grief. Missing. Melancholy. Psychoanalysis. Psychotherapy.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo explorar el tema del duelo en la clínica psicoanalítica y los posibles factores relacionados con la desaparición, considerando análisis de organismos públicos. La investigación tuvo como objetivo comprender, a través de un estudio exploratorio, cómo el psicoanálisis puede contribuir a la elaboración del duelo frente a la desaparición de un ser querido. Se concluye que la elaboración de la pérdida simbólica es crucial y puede ser facilitada por el proceso analítico, permitiendo la elaboración y resignificación de la pérdida.

PALABRAS CLAVE: Duelo. Desaparecido. Melancolía. Psicoanálisis. Psicoterapia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVO GERAL.....	10
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO DESAPARECIMENTO	10
3.1. Luto como experiência viva.....	11
3.2. A clínica psicanalítica e seus caminhos para elaboração do luto	13
4 METODOLOGIA	16
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
5.1. Discussão	18
6 CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

A definição de pessoas desaparecidas abrange diversos aspectos referentes a possíveis causas do desaparecimento. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022), entre as possíveis causas de desaparecimento estão: voluntário; ação de terceiros; falha de proteção de pessoas em situação vulnerável; desastres naturais; desaparecimento político; crimes; e transtornos mentais. Trata-se de uma definição complexa que denota inúmeros desafios em seu processo de compreensão.

Segundo a Lei 13.812/2019, que institui a Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas e cria o Cadastro Nacional de Pessoas Desaparecidas, a pessoa desaparecida pode ser definida como “todo ser humano cujo paradeiro é desconhecido, não importando a causa de seu desaparecimento, até que sua recuperação e identificação tenham sido confirmadas por vias físicas ou científicas”¹.

Um dos maiores desafios relacionados ao desaparecimento de pessoas no Brasil está em estimar o número de pessoas realmente desaparecidas. Nos últimos anos, diversas críticas e discussões a respeito da temática estão sendo levantadas para minimizar a falta de inconsistência diante das informações coletadas válidas de pessoas desaparecidas.

Desde 2017, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública está monitorando dados estatísticos de desaparecidos no país com base em informações fornecidas pelos Boletins de Ocorrência das Polícias Civis dos estados. A taxa de desaparecidos em 2021 apresentou crescimento de 3,2%, resultando em 65.225 boletins de ocorrência - o crescimento do número de registros foi de 3,7% em relação ao total de casos de 2020, sendo 30,7 casos para cada grupo de 100 mil habitantes. Nos últimos cinco anos, foram feitos no Brasil 369.737 registros de pessoas desaparecidas, o que equivale à média de 203 casos diários (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022, p. 4).

É preciso considerar, no entanto, que esses números não correspondem exatamente a quantidade de pessoas desaparecidas, havendo mais de um registro de boletim de ocorrência feito por diferentes familiares do desaparecido, e o registro de mais de uma pessoa desaparecida no mesmo boletim de ocorrência, o que demonstra existir uma margem de erro significativa referente ao número de pessoas desaparecidas. Ocorrendo semelhante dificuldade de mensuração diante das pessoas localizadas, não sendo possível saber se foram dadas como desaparecidas, se foram localizadas vivas ou mortas e tampouco em que ano ocorreu o desaparecimento. Existem, assim, lacunas em diversas fases dos processos de registros das pessoas desaparecidas/encontradas.

Diante das dificuldades na mensuração dos dados, sabemos que milhares de famílias vivem a incerteza do paradeiro do ente querido, buscando um desfecho incessante, tornando o trabalho de elaboração do luto ainda mais doloroso e prolongado, principalmente quando se esgotam recursos financeiros e emocionais, levando a situações traumáticas, além de riscos físicos e emocionais, com impactos Jurídicos e Econômicos para essas famílias.

¹ Brasil. (2019). Lei nº 13.812, de 16 de março de 2019. Institui a Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas e cria o Cadastro Nacional de Pessoas Desaparecidas. Diário Oficial da União. Recuperado em 16 de abril de 2023, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13812.htm.

Considerando essa realidade, optamos por realizar um estudo exploratório abordando a temática do luto na clínica psicanalítica, buscando conhecer e entender como se dá a contribuição da psicanálise no trabalho de elaboração do luto experimentado pelo indivíduo após o desaparecimento de um ente querido.

2 OBJETIVO GERAL

Nosso objetivo foi, a partir de um estudo exploratório, abordar a temática do luto na clínica psicanalítica, conhecer e entender como a psicanálise pode contribuir para o trabalho de elaboração do luto vivido pelo indivíduo diante do desaparecimento de um ente querido.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO DESAPARECIMENTO

Segundo a Prefeitura de São Paulo, até maio de 2022, por meio da Divisão de Desaparecidos da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), 2.865 pessoas saíram de seus lares e não retornaram. Os motivos variam entre histórico de dependência química, conflito familiar, saúde mental, fuga por violência doméstica ou sequestro. Esses indicadores da SMDHC anteriormente citados, são continuamente acompanhados por pessoas que estão enfrentando o desaparecimento de entes queridos. A fim de amenizar as dores por desconhecerem o paradeiro de seus entes, famílias buscam apoio na Segurança Pública através de boletins de ocorrência de desaparecimento, bem como em ONGs que divulgam os dados dos desaparecidos e oferecem grupos de apoio, além do Serviço Municipal de Pessoas Desaparecidas no território local.

O Serviço Municipal de Pessoas Desaparecidas oferece auxílio na busca e identificação desses casos, promovendo verificação em órgãos de administração pública de acolhimento municipal, tais como Centros de Acolhida, Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Idosos (SAICAs), entre outros.

A Secretaria Municipal de Direitos Humanos da prefeitura de São Paulo (SMDHC), oferece às famílias que passam por esta situação uma cartilha, na qual podem verificar quais os procedimentos a serem adotados em caso de desaparecimento. Esse material esclarece que o desaparecimento pode ser voluntário, quando a pessoa se afasta por vontade própria, ou involuntário, quando a pessoa é afastada do seu cotidiano por circunstâncias fora do seu controle. O afastamento involuntário pode ser forçado, quando o indivíduo é afastado sem sua concordância, também pode ocorrer por meio de violência ou ameaças.

A mesma Secretaria oferece o Programa de Localização e Identificação de Desaparecidos do Ministério do Estado de São Paulo (PLID), onde por meio do preenchimento de um formulário anexado a outros documentos, a família recebe informações através do cruzamento de dados, escuta e orientação jurídica. Quando necessário, a Defensoria Pública pode prestar assistência jurídica gratuita e integral, atuando em casos nos quais o interesse dos familiares ou da própria pessoa desaparecida esteja com implicações de âmbito da Justiça Estadual, como por exemplo a administração dos bens da pessoa desaparecida.

3.1. Luto como experiência viva

Para falar de luto precisamos também falar da morte, a morte do objeto de desejo do indivíduo, que o levará a vivenciar as fases de elaboração até sua possível aceitação, como veremos mais adiante.

Veremos que, segundo a mitologia grega, Thanatos, personificação da morte, vem da genealogia de Nix, nascido do caos, e os gregos evitavam pronunciar este nome por medo a destruição inerente. Estes eram envolvidos pelo imaginário e as concepções dos rituais fúnebres a serem feitos em caso de morte fatídica, como podemos observar no registro segundo Assumpção (2017, citado por Charczuk, 2021) sobre os conflitos familiares entre os seres mitológicos:

Numa luta com Sísifo, que era rei de Corinto, foi por ele vencido e acorrentado. Com Thanatos preso, já não morria ninguém e assim o reino de Hades (dos mortos) foi empobrecendo, pois já não recebia ninguém. Vendo isso, Zeus interveio e libertou Thanatos, que ao se ver livre procurou Sísifo e fez dele sua primeira vítima (Assumpção, 2017).

Tânatos, do grego Θάνατος, transliteração da letra no correspondente vocábulo de outra língua Thanatos, sendo na mitologia grega representação de morte, que seria para a psicanálise a percepção da destruição, ou seja, a pulsão de morte vista como contraponto à finitude da vida.

Foi possível obter nesta pesquisa o levantamento de algumas características comuns sobre os rituais fúnebres. Neutralizada em uma sociedade histórica, a morte foi experimentada neste contexto muitas vezes como um sono profundo, no qual em algumas culturas, os indivíduos acordariam ou ressuscitariam, tal como nos diz Ariès (2012) “o defunto era abandonado à Igreja, que dele se encarregava até o dia em que ressuscitava” (p. 62). Desta forma, vemos que uma possível representação da brevidade da vida seria contemplada em um pós morte, como uma forma mais tolerante de lidar com este fenômeno. Os rituais de passagem eram acompanhados na manutenção das práticas e crenças coletivas sobre o que estava em morte iminente, sugerindo a validação do universo simbólico deste grupo.

Nos séculos XIV e XV, os indivíduos começaram a cultivar um sentimento de morte atrelado não somente à morte física, mas também à frustração dos desejos, prazeres e projetos. Assim, “A morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo.” (Ariès, 2012, p. 61). Gradativamente, a serenidade até então experimentada no contexto morte na idade média, naturalmente foi sendo substituída por momentos de aflição e desespero.

Entre os séculos XVI e XVIII, novas concepções sobre o processo morte foram geradas na psique humana. Na cultura ocidental, houve uma correlação entre Tânatos e Eros, pois se antes a própria morte era intolerável, agora o sentimento se estendia pela curiosidade entre o erotismo macabro e mórbido. Ariès (2012, p. 142-144) justifica que o erotismo macabro poderia ser visto na literatura como a morte de Romeu e Julieta no túmulo dos Capuletos, no teatro barroco e até mesmo na arte religiosa, tal como a aparência de cruel excitação amorosa das obras de santas romanas Tereza e Ludovica, reveladas pela união mística com Deus. O mesmo autor descreve que o interesse mórbido à gosto possivelmente perverso, não declarado ou consciente, foi encontrado no tema das lições de anatomia, objeto de pesquisa sobre a decomposição do cadáver a clientela média e amantes de livros.

Já nos séculos XIX e XX, o silêncio traduz a compreensão da morte como uma força selvagem e incompreensível, raramente representada por imagens, passando do mundo imaginário para fatos deliberados. “O medo da morte aparente foi a primeira forma reconhecida e aceitável do medo da morte.” (Ariès, 2012, p. 151), onde também foi manifestada na representação imaginária do cadáver morto em decomposição.

Considerando o contexto de morte e algumas de suas constatações históricas, seguiremos essa pesquisa a partir do objetivo principal e sua compreensão sobre as experiências do luto.

O luto foi sendo tratado de várias maneiras por sociedades diferentes, alguns de maneira breve e outros com duração de anos. Na contemporaneidade, o luto passa a ser visto como um processo naturalmente socializado e necessário à saúde psicológica do indivíduo, quando este deve buscar a “cura” para a dor a qual se encontra submetido. Freud foi um dos pioneiros a tratar historicamente do tema, dizendo que o luto seria um processo psíquico e não patológico. Kovács (1992) também contribui para nossa reflexão ao falar sobre cultura, relacionando-a aos aspectos que distinguem os povos e diferenciam os homens por meio de seu comportamento e de outras espécies. Por meio da cultura é possível observar o modo como o indivíduo lida com a perda: “Cada cultura apresenta algumas prescrições de como a morte deve ser enfrentada e quais os comportamentos e rituais que devem ser cumpridos pelos enlutados” (p. 151). As práticas culturais influenciam diretamente no trabalho de elaboração de luto, se adaptando ao decorrer do tempo, garantindo a sobrevivência do grupo.

Para a autora, a elaboração do luto pode ser impactada pela rotina e por alguns elementos, como pensamentos recorrentes sobre a perda, relações interpessoais, afetivos e a variável questão histórica da vida do enlutado. Em algumas sociedades, o indivíduo precisa seguir criteriosamente a manifestação de sua dor pela vida toda, ou seja, a forma como promove o enfrentamento da perda está também envolvida com suas crenças e tradições. Há manifestações ltuosas que obrigam o enlutado a ter atitudes consideradas inúteis, destrutivas e desagradáveis, como não se higienizar adequadamente, perfuração da pele, autoflagelação ou raspar a cabeça.

O indivíduo em trabalho de luto poderá ser totalmente sincero ou cordial em suas emoções, considerando sua compreensão sobre a perda, ajustada a sua melhor maneira de atuar por meio de suas tradições culturais. Haja vista que cada indivíduo vivencia o luto de maneira subjetiva, é importante destacar que algumas vivências podem exprimir um caráter exagerado sobre as reações minimamente aceitas socialmente. Em alguns casos, o processo de enlutamento, quando não conectado a manifestações culturais típicas do indivíduo, pode ser questionado como patológico, sendo consideradas como as possíveis complicações do luto.

Neste sucinto percurso histórico sobre morte e luto, podemos refletir sobre algumas ações que se consolidaram ao longo do tempo na perspectiva dos enlutados. O luto passa de uma experiência coletiva para vivência individualizada dos familiares enlutados, sendo silenciado ao longo dos séculos até se tornar um tema delicado a ser tratado na contemporaneidade, pois atualmente trata-se de uma experiência de solidão. E, embora vista como uma dor insuportável à psique humana, a ações que contribuem para um bom trabalho de elaboração da perda. Um bom exemplo é vivenciar um processo analítico, buscando a elaboração da dor da perda.

3.2. A clínica psicanalítica e seus caminhos para elaboração do luto

A relação da psicanálise frente ao luto mostra-se clara diante da condição humana, pelo fato de que todos, sem exceção, passamos e continuaremos a passar por diversos momentos de luto durante toda nossa existência. A perda e o luto estão presentes desde o nascimento frente ao trauma de cisão no que diz respeito à separação da mãe (o parto), persistindo até a morte do indivíduo. Perdas que são inevitáveis, considerando as fases do desenvolvimento humano, como, por exemplo, o tornar-se idoso, quando o indivíduo tem a ser capaz de elaborar a abdicação do corpo jovem e seus cuidados, para lidar com o envelhecimento e suas limitações que o colocam diante da iminência da morte. Assim, fica claro o surgimento de diversas situações de perdas e a necessidade da elaboração do luto frente a essas situações. Freud, em "Luto e Melancolia" (1917) define o luto de maneira a elucidar a real importância dessa relação com as perdas diante da abstração que deverá surgir e ocupar esse lugar: "O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém." (Freud, 1917, p. 249).

Essa relação, para a psicanálise, diz respeito a catexia libidinal gerada diante da perda do objeto de desejo e o investimento dessa energia, sendo necessário compreender a relação não apenas da perda do objeto, mas com a perda de suas ideias, ideais abstratos, subjetivações e coisas congênicas. Para melhor compreensão, consideramos trazer a noção de objeto, presente em seu texto "Os instintos e suas vicissitudes", Freud (1917, p. 128) trouxe a existência de dois tipos de objetos, sendo o primeiro um objeto pulsional, um objeto que atinge sua finalidade, meta e satisfação, podendo ser até mesmo uma parte do nosso corpo.

O objeto de um instinto é a coisa em relação a qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável num instinto, [...] O objeto não é necessariamente algo estranho: poderá igualmente ser uma parte do próprio corpo do indivíduo (Freud, 1917, p. 128).

Sendo o primeiro um objeto parcial, como o seio materno, o segundo tipo é como o objeto de amor, que envolve sentimentos de amor e ódio, podendo ser uma pessoa, uma entidade ou um ideal, em que a instância do eu se relaciona.

O luto trata-se de uma subjetivação, ou seja, uma espécie de relação permanente com a situação da perda, impondo que o indivíduo tenha de lidar constantemente com a perda, tanto física do objeto como de ideais, sendo necessária a elaboração cotidianamente acerca das questões e conteúdos que vêm à mente consciente, hora pela memória ou lembranças, hora de maneira onírica através dos sonhos.

Freud (1917) aborda a temática do luto junto aos diversos aspectos da melancolia, sendo no luto a certeza do objeto perdido e na melancolia uma perda que ocorre na consciência, e que faz com que o indivíduo melancólico se volte exclusivamente para seu mundo interno, representando um aspecto enigmático. Considerando o que o mesmo autor diz sobre a melancolia, "como uma ferida aberta, atraindo para si toda energia de investimento, esvaziando o eu até o empobrecimento total" (Freud, 1917, p. 250), podemos entender que o melancólico não consegue simbolizar sua dor o que

dificultaria o processo de elaboração, constatando como isenta a “cicatrização”, inibindo qualquer atividade pulsionada ao desejo, por não ter o objeto simbolizado. Assim, o ego se converte em sua própria perda, ou seja, no luto existe uma perda no mundo, que enquanto não elaborado, o indivíduo perde interesse no externo, na melancolia ocorre a perda do eu, o empobrecimento de novos investimentos internos.

Freud (1917), traz um conceito de extrema importância referente à elaboração do luto. Trata-se do encontro com a realidade, quando o indivíduo enlutado só tem a possibilidade de elaborar o luto, por ser confrontado constantemente com a ausência do objeto de desejo, tal como através de lembranças cheias de afeto que continuamente trazem a realidade da não existência do objeto de ligação da libido. Para Freud (1917, p. 260), “Cada uma das lembranças e situações de expectativa que demonstram a ligação da libido ao objeto perdido se defrontam com o veredicto da realidade segundo o qual o objeto não mais existe”.

Freud (1917) coloca que direcionamos libido a diversos objetos e ideais de desejo durante toda vida. Quando há o rompimento da relação entre o eu e objeto ideal de desejo, essa libido direciona-se de modo a criar uma catexia a tudo referente a esse objeto. Dedicar-se, de maneira devota, a ponto de esgotar a libido de outros objetos ainda existentes. Neste sentido, os enlutados podem perder o prazer e interesse em outras áreas da vida cotidiana enquanto passam por esse trabalho de luto, pois não conseguem libertar a sua libido do objeto perdido.

A ausência de interesse e a dor pela perda estão completamente ligadas e conseqüentemente relacionadas a maior tempo de vivência desta dor da perda, levando a questionamentos sobre o significado da dor no âmbito psíquico: Onde dói? Como dói? Como quantificar essa dor? Freud (1917), apresenta uma visão na dimensão mental da dor diretamente relacionada ao objeto perdido comparado à uma dor física. Origina-se uma catexia que tende a se concentrar no objeto perdido, assim como acontece em um trauma físico originando o ponto de dor. No objeto que se sente falta ou que está perdido, a dor mental produz a mesma condição econômica de uma dor física (Freud, 1917, p. 250).

O trabalho de luto pode ser muito doloroso, sua dissolução é possível com a vivência gradual referente a perda, para que haja a possível diminuição da dor; dor que é subjetiva à estrutura psíquica de cada indivíduo, o que diz respeito a seus mecanismos de defesa internalizados no decorrer da vida e dos traumas anteriormente vivenciados. Durante seu desenvolvimento, o indivíduo tende a passar por diversas experiências de perdas que se constituem em modelos de estados psíquicos que são incorporados à mente, onde através de suas similaridades servem de auxílio durante o processo, assim como nos diz Freud (1917, p.250), “A disposição para o luto é 'dolorosa'. É bem provável que vejamos a justificação disso quando estivermos em condições de apresentar uma caracterização da economia da dor. Em que consiste, portanto, o trabalho que o luto realiza?”.

Diante disso, o processo de “superação” da perda do objeto tende a absorver todas as energias do ego, pois tem sua duração de tempo estendida. Vale salientar que Freud (1917) traz uma questão pertinente sobre o luto e “superação”, fase denominada como “Triunfo” e que embora após sua elaboração, a energia que estava sendo destinada ao objeto perdido não se reorganiza a ponto de trazer felicidade ou comemoração. Freud (1917, p. 260) enuncia que “Supera a perda de objeto, e

também, enquanto persiste, absorve todas as energias do ego. Por que, depois de seguir seu curso, não há, em seu caso, qualquer indício da condição econômica necessária para uma fase de triunfo?”.

Freud (1917) revela que devido ao objeto não mais existir, o ego é confrontado à possibilidade de que ele tenha esse destino. No que diz respeito ao enlutado e o possível sentimento de profunda tristeza, bem como a angústia relacionada à sua finitude diante da sua existência, traz do inconsciente para o consciente sentimentos e afetos oriundos dos traumas primários e das relações primárias parentais.

Parece-nos oportuno contemplar nesta pesquisa a psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross, que dedicou parte de sua vida em estudos e pesquisas relacionadas ao luto de pessoas com doenças terminais. Em seu livro “Sobre a morte e o morrer”, Kübler-Ross (2017), descreve cinco estágios pelos quais as pessoas passam ao vivenciarem um processo de elaboração da “perda” e luto: Negação; Raiva; Barganha ou Negociação; Depressão e Aceitação.

A autora sugere que o primeiro estágio de negação é acionado uma defesa temporária, o indivíduo nega-se a entrar em contato com a real e rejeita qualquer aproximação com a problemática a ser enfrentada, evitando ainda falar sobre o assunto. Kübler-Ross (2017, p. 47) nos diz ainda que a primeira reação do afetado frente ao evento traumático pode ser um choque temporário seguido do não reconhecimento da situação a qual se dispõe.

Na fase de raiva, o indivíduo frustrado finalmente atingido pela realidade que lhe acomete, não se conforma com a situação, sente-se injustiçado e se revolta com seu entorno, Kübler-Ross (2017), afirma que “Quando não é mais possível manter-se no primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento” (p. 55). Neste estágio, ainda pela mesma autora, torna-se mais difícil de lidar com a dor sob o ponto de vista da família e equipe profissional que acompanha a pessoa e circunstâncias terminais, pois o afetado projeta sua raiva no ambiente, desconsiderando um motivo efetivamente plausível (p. 56).

Na fase da barganha, o sujeito incita sobre si a possibilidade de negociar comportamentos socialmente e culturalmente aceitos, a fim de que se abstenha da situação na qual está inserida. É comum que o indivíduo busque ajuda em suas crenças para lidar com a atual situação de enfrentamento, almejando condescendência em apelação a suas crenças. Kübler-Ross (2017), nos diz sobre esse estágio “é menos conhecido, mas igualmente útil ao paciente, embora por um tempo muito curto” (p. 87), assim podemos compreender que, uma vez impossibilitado de negociar o evento que lhe acomete, o indivíduo passa próxima fase do luto.

Na depressão, o indivíduo se projeta para o seu mundo interno, considerando sua impotência frente ao evento a ser enfrentado, Kübler-Ross (2017, p. 91), diz “Seu alheamento ou estoicismo, sua revolta e raiva cederam lugar a um sentimento de grande perda.” A autora reflete a importância da melhor estratégia para acompanhamento nos casos de depressão. Sugere que em alguns casos o trato pontual e mais assertivo com o afetado em que a depressão é uma reação iminente à perda de todos os objetos amados, não é indicado encorajá-lo a olhar o lado positivo das circunstâncias, mas sim que exteriorize seu pesar, aceitando mais tranquilamente a situação (p. 93).

Por sua vez, o estágio de aceitação está relacionado à melhor compreensão da iminência de perda, possibilitando exteriorizar os medos, a raiva e anseios, o indivíduo traz como significado o não

abandono e sim a compreensão do processo necessário para esta aceitação. Permite um olhar para o passado reconhecendo-o não só como saudade, mas esperança e cumprimento de uma “missão” crucial para que não se prolongue o sofrimento, a autora afirma que: “Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade, é quase uma fuga de sentimentos.” Kübler-Ross (2017 p. 118).

Vale salientar nesta pesquisa que não necessariamente o indivíduo vivenciará o trabalho de luto na ordem disposta dos cinco estágios, não sendo obrigatória, de igual modo, a passagem por todos os estágios para que o processo seja considerado suficiente ou adequado para elaboração de seu luto.

No entanto, para a situação do familiar com ente desaparecido, a aceitação é um processo que se vincula diretamente com maior intensidade ao abandono. A aceitação pode tornar-se sinônimo de esquecimento, falta de interesse e desprezo, que nem sempre ocorrem e não necessariamente são experienciados nesta ordem, mas acredita-se que uma pessoa apresenta pelo menos dois desses estágios, que possuem um papel fundamental no processo de saúde mental do enlutado. (Kübler-Ross, 2017).

4 METODOLOGIA

Para a produção deste trabalho de estudo exploratório, utilizamos como referências livros e artigos que discutem o processo de luto experienciados por entes de pessoas desaparecidas, tendo como base teórica a psicanálise.

Este estudo exploratório contou com as obras clássicas da psicanálise, como volumes das obras completas de Freud, além de um levantamento bibliográfico relacionado ao tema estudado. Observou-se ainda a importante obra de Elisabeth Kübler-Ross (2017), “Sobre a morte e o morrer”, apresentando os estágios de elaboração de luto diante da perda iminente.

Buscamos especificamente, artigos atuais que tratam da clínica psicanalítica voltada para o trabalho de elaboração de luto a partir do desaparecimento de um ente querido. Utilizamos como descritores: clínica psicanalítica e luto; psicanálise e luto de ente desaparecido. As bases de dados foram: Scielo (Scientific Electronic Library OnLine), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e o Google Acadêmico.

O levantamento dos artigos para esta pesquisa corresponde a estudos dos períodos de 2015 a 2022, pois entendemos que as informações atualizadas são essenciais na produção de materiais de qualidade e confiabilidade, garantindo que estas estejam atualizadas, evidenciamos o conhecimento de alguns dos dados publicados na área de estudo, procurando manter a relevância e a aplicabilidade das pesquisas realizadas, especialmente porque lidamos com questões sociais e de saúde mental, onde comumente observamos alterações e atualizações.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contribuindo para a construção de um conhecimento sólido, referenciado e embasado na discussão de ideias e olhares com perspectivas diferentes de diversos autores, é possível apresentar pontos de convergência e divergência entre as teorias, destacar suas contribuições para o campo e identificar lacunas a serem preenchidas por novas pesquisas, pois assim foi possível ajudar a situar o objeto de estudo em relação a outras pesquisas já realizadas. Utilizamos autores que consideramos

necessários e de suma importância para contribuição da temática que vem sendo exposta, conforme tabela a seguir.

Fontes de informação consultadas e conteúdos relevantes			
Base/Ano	Tipo de Publicação	Título Original	Autores
Google Acadêmico, 2021	Revistas PUCSP	Luto e melancolização na pandemia do COVID 19	Cabral, N., Matos, A. N., Catelli, B., Viana, G., & Scarpa, L.
SciELO, 2021	Artigo	Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações	Giamattey, M. E. P., Frutuoso, J. T., Bellaguarda, M. L. D. R., & Luna, I. J.
Google Acadêmico, 2020	Revista Cofen	“Aquele adeus, não pude dar”: luto e sofrimento em tempos de COVID-19	Oliveira, E. N., Neto, F. R. G. X., Moreira, R. M. M., Lima, G. F., dos Santos, F. D., Freire, M. A., ... & Campos, M. P.
Google Acadêmico, 2020	Artigo	Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19	Verztman, J., & Romão-Dias, D.
Google Acadêmico, 2020	Artigo	O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia	Dantas, C. D. R., Azevedo, R. C. S. D., Vieira, L. C., Côrtes, M. T. F., Federmann, A. L. P., Cucco, L. D. M., ... & Cassorla, R. M. S.
SciELO, 2020	Artigo	Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19	Verztman, J., & Romão-Dias, D.
SciELO, 2020	Artigo	O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia	Dantas, C. D. R., Azevedo, R. C. S. D., Vieira, L. C., Côrtes, M. T. F., Federmann, A. L. P., Cucco, L. D. M., ... & Cassorla, R. M. S.
SciELO, 2019	Artigo	O luto dos familiares de desaparecidos na Ditadura Militar e os movimentos de testemunho	Ferreira, C. F., Caniato, A.
Google Acadêmico, 2019	Revista PsicoFAE	Teoria do luto em psicanálise	Dunker, C. I. L.

SciELO, 2018	Artigo	Análise do Luto de Mães de Crianças e Adolescentes Desaparecidos	da Silva, G. R., Fernandes, M. S., Costa L. R., Salomão, L. L. P. C. T., Jorge, R. S.
--------------	--------	--	---

5.1. Discussão

Algumas pesquisas têm mostrado serem úteis em apresentar diferentes tipos de manejos para que se possa lidar com o processo de luto de maneira globalizada, considerando aspectos tanto físicos como emocionais do enlutado (Siqueira; Azevedo, 2020).

A psicoterapia apresenta-se como principal via de tratamento preventivo para que complicações associadas ao luto não evoluam, este cuidado visa dar suporte ao enlutado, criando um ambiente acolhedor que possa favorecer em seu processo, bem como em lidar com as novas situações impostas pela perda, permitindo que não haja qualquer comprometimento em seu funcionamento habitual, seja no âmbito psicológico, físico, social e/ou espiritual (Instituto de Psicologia Quatro Estações, 1998b).

O trabalho de elaboração do luto se faz necessário e independe da idade, etnia, gênero ou classe social. Trata-se de um processo natural que evidentemente é consequência das habilidades individuais de como lidar com a frustração frente à perda.

Autores psicanalíticos de grande prestígio como Freud e Klein elucidam a dinâmica do funcionamento psíquico referente ao luto como forma de valorizar sua complexidade, respeitando significância dessa temática. Segundo Freud (1915), o trabalho do luto tem seu início quando o aparelho psíquico se depara com uma perda do objeto, assim caracterizando-se pelo processo de reelaboração das nossas relações com o mundo e nós mesmos, diante do sofrimento causado pelo objeto perdido.

No que diz respeito ao processo de transformação e resignificação dos investimentos libidinais, a libido precisa ser retirada de suas ligações com o objeto perdido, fazendo-se necessário disponibilidade de energia catexial e tempo, liberando o eu para um possível e nova resignificação do objeto perdido, além de elencar novos objetos de desejo. Essa característica é subjetiva das capacidades individuais, o que implica, em uma espécie de antagonismo, onde precisamos nos reinventar e de certa forma, ao mesmo tempo, permanecer os mesmos.

O trabalho de luto tem ligação direta com nosso autocentramento narcísico, onde é preciso deparar-se com a iminência da não existência, colocando de forma evidente nossa limitação humana, vulnerabilidade, fragilidade e diante das nossas capacidades econômicas. Estes possíveis sofrimentos causados pela perda, nos levam a necessidade de considerar a importância dos rituais criados decorrentes da existência humana, visando respeitar a subjetividade do objeto perdido, que está imbuído completamente nos diversos tipos culturais.

Como vimos anteriormente, Freud (1917), em seu ensaio “Luto e melancolia”, traz como o luto uma lamentação que se dá pela perda do objeto, já na melancolia, tem sua lamentação diante da perda de uma parte de si. Considerando sua referência à melancolia, o familiar com ente desaparecido apresenta maior dificuldade no processo de simbolização do objeto perdido, pois não tem a

possibilidade de realizar seus rituais fúnebres, não deixando suas últimas condolências, sentimentos e/ou reconhecendo a realidade da perda frente a presença do objeto, prolongando assim um sofrimento pela ausência dessa finitude ritualista, o que pode tornar contínuo o sofrimento, configurando-se como melancolia ao longo do tempo, ocorrendo a perda do eu, diminuindo seus investimentos externos frente a incapacidade da despedida do ente querido e de reconstruir-se frente à situação de perda.

Segundo Melanie Klein (1940), apresenta o luto em “Teoria das Relações Objetais”, como uma perda objetal, possuindo reativação de experiências que foram obtidas no início do desenvolvimento psíquico humano, e pode ser superado com o tempo. As posições conhecidas como esquizoparanóide e posição depressiva, norteiam todo o desenvolvimento humano em sua teoria, que permitem a compreensão da existência de um mundo interno e externo do indivíduo, no qual se constrói com as experiências durante sua vida, por meio da capacidade de introjetar “objetos “partindo das relações entre coisas e pessoas, “objetos bons e objetos maus” possuindo seus conteúdos primários oriundos da relação mãe bebê e onde dá início a construção do Self.

Na medida em que a mãe passa a conter partes más do self, ela não é mais sentida como um indivíduo separado, e sim como sendo o self mau. Muito do ódio contrapartes do self é agora dirigido contra a mãe. Isso leva a uma forma peculiar de identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objeto agressiva. Sugiro o termo "identificação projetiva" para esses processos (Klein, 1946, p. 27).

O luto anormal, proposto por Klein (1940), é manifestado de maneira inconsciente, tem uma sensação de perda destes objetos bons internalizados, sobrando apenas objetos maus que trazem sensação de ansiedade, raiva, culpa, dentre outros sentimentos de desvalia. A superação da posição depressiva permite a não instalação do luto anormal.

Consideramos ainda o autor Bowlby (1998), que compreende a complexidade do luto como um conjunto de sentimentos em certas quantidades, contrastantes, antagonísticos, incompatíveis: devido ao grau da perda e da constante busca pela figura perdida, são comuns aos enlutados os sentimentos culpa demasiada. “A perda de uma pessoa amada dá origem não só ao desejo intenso de reunião, mas também 'a raiva por sua partida (...)'” (Bowlby, 1998, p. 30).

Bowlby (1998), apresenta três fases nas quais as pessoas geralmente costumam passar: protesto, desespero e separação. Na primeira fase o enlutado foca em buscar maneiras de encontrar o objeto perdido, deparando-se nessa fase com a raiva, o pranto e as diversas acusações. Na segunda fase, trata-se de diversos embates com as decepções devido à falta e fracasso em encontrar o objeto perdido, assim a depressão pode estabelecer mudanças e novos caminhos para o enlutado. Seguindo a terceira fase, considerada por Bowlby como a fase mais importante, consiste na capacidade do indivíduo em organizar-se ao ponto de superar a depressão, dirigindo a um novo objeto de desejo.

Podemos perceber nos diversos autores apresentados, um certo consenso sobre o luto, sendo um processo que envolve muito sofrimento psíquico e investimento libidinal, contudo não necessariamente todos precisam passar pelas fases e períodos do luto, da mesma forma diante das especificidades de cada indivíduo, há quem possa experienciá-las juntas em um só momento, onde a subjetividade permitirá que o luto seja trabalhado independente da fase em que se encontram.

Frente a tal complexidade, institutos como o Quatro Estações, nascido em meados de 1996 segue com um projeto do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o luto, da PUC-SP.

Psicólogas(os) deram forma a esse projeto, estando presentes em eventos científicos e em diversos lugares do mundo, apresentando o resultado de seu trabalho para profissionais, pesquisadores e estudantes. Onde colaboram na configuração de diversos settings, tais como clínica social, consultorias, intervenções em emergências, escolas, hospitais e outras instituições. (Instituto de Psicologia Quatro Estações, 1998a).

Institutos, eventos, conferências, dentre outros órgãos públicos ou privados contribuem continuamente para a produção de conhecimento e disseminação, por meio de palestras, livros, textos científicos, dentre outros materiais que facilitem a compreensão e importância da temática do luto frente à incerteza da perda. Nessa perspectiva, torna-se fundamental continuar com pesquisas que possam contribuir em possibilidades assertivas nos manejos terapêuticos para pacientes enlutados pelo desaparecimento de seus familiares.

Questionamos ainda por meio deste estudo se nos casos de desaparecimento é possível vivenciar as fases do luto de maneira segmentada e como a não elaboração ou vivência desse luto, impacta na saúde mental dos familiares com entes desaparecidos. Lembrar continuamente da existência de seu objeto de desejo, fazendo com que as lembranças tornem a trazer de alguma maneira a existência aquele objeto de desejo, esse processo de constante lembrança tem seu papel na elaboração do luto, pois é uma das maneiras pelas quais é possível o encontro com a realidade, o que nos leva a considerar a importância do tempo na elaboração do luto. Tempo esse, que para alguns pode se tornar um processo muito doloroso e levanta a dúvida se realmente o luto se conclui ao longo da vida com o passar do tempo. Freud (1917) apresenta que o processo de elaboração luto pode apresentar finitude em: “Contudo, o fato é que quando o trabalho do luto se conclui...” (Freud, 1917, p. 251).

Concluir um trabalho de elaboração do luto parece algo distante em determinadas situações de perdas, assim, no decorrer de nossa pesquisa novos questionamentos surgiram. Será que o trabalho do luto realmente se conclui? Quanto tempo pode levar? Teria um tempo ideal para todos? São perguntas que também permeiam a elaboração do luto na visão Freudiana, aonde como resposta vimos que o encontro com a realidade produzida pelo ego é algo que leva tempo.

Verificamos, à guisa de explanação que, no luto, se necessita de tempo para que o domínio do teste da realidade seja levado a efeito em detalhe, e que, uma vez realizado esse trabalho, o ego consegue libertar sua libido do objeto perdido (Freud, 1917, p. 258).

Desta forma, é necessário que se dê tempo, para que o indivíduo possa retornar ao estado anterior ao luto, pois ainda na teoria de Freud (1917) este processo seria lento e gradual, onde na “conclusão” do trabalho, o dispêndio de energia que havia sido necessária, tenha-se dissipado e aos poucos possa ser restabelecida ao seu estado de “normalidade” (p. 260). “No luto, verificamos que a inibição e a perda de interesses são plenamente explicadas pelo trabalho do luto no qual o ego é absorvido” (Freud, 1917, p. 251).

Inúmeras consequências podem ser consideradas no aspecto da saúde mental, decorrentes das dificuldades encontradas no estágio de aceitação. A realidade dolorosa de lidar constantemente com novas demandas que vão surgindo e a incerteza faz com que os afetados invistam seu tempo,

dinheiro e controle emocional para exaustivamente buscar respostas que levem ao encontro e/ou paradeiro do ente desaparecido.

Como principais consequências enfrentadas podemos citar situações traumáticas, de risco, falta de apoio emocional, situação de desamparo, incompreensão, muitas vezes vistos como exagerados, mas que neste momento encontram-se fragilizados em diversos aspectos (Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 2021).

6 CONCLUSÃO

Em nossa pesquisa nos perguntamos se a teoria seria capaz de explicar uma experiência viva como o luto. Muitos autores buscaram se aproximar ou explicar os momentos vivenciados pela perda do objeto de desejo. Nos questionamos principalmente se no luto experienciado nos casos de entes com familiares desaparecidos é vivenciado como em outras perdas e qual seria o efeito provocado nos enlutados nesta condição. Nos questionamos também sobre o trabalho da clínica psicanalítica, no acompanhamento de tais experiências dos enlutados por desaparecidos, e se estas podem ser tratadas em análise, uma vez que o mundo desse indivíduo se encontra vazio frente a sua perda. Restou-nos a indagação se o profissional psicólogo conseguiria promover no setting terapêutico a escuta analítica necessária que atendesse essa demanda ao ponto de levá-lo ao encontro de uma possível da reestruturação do seu self e alcançar o conforto, ou amenizar suas angústias.

Para iniciar a busca por respostas destes questionamentos no atendimento clínico desta demanda, buscamos compreender nesta pesquisa a concepção histórica de luto, bem como o conceito de luto, contrapondo o fenômeno do real e o imaginário na vida humana.

Encontramos alguns manejos significativos para lidar com o sofrimento dos enlutados por desaparecimentos na clínica psicanalítica, sendo o tempo e o acompanhamento profissional a estratégia mais articulada entre os autores. No entanto, ficamos surpresos ao identificar também possibilidades do uso da arte na obra literária de Guimarães Rosa (1962) em "A Terceira Margem do Rio" como estudo exploratório frente ao luto e melancolia, a fim de elucidar e concluir a importância da busca por escuta qualificada e profissional, apta ao manejo desta demanda em psicoterapia.

A Terceira Margem do Rio, texto originalmente publicado em 1962, relata a história de um pai que, sem um motivo aparente, resolve morar em uma canoa, afastando de sua família, amigos e sociedade. A família não compreende os motivos que levaram o pai a essa escolha e sentem com seu desaparecimento. O filho personagem e narrador do conto, apresenta sua tristeza em perder o contato e as experiências com o pai durante sua vida. Este mesmo personagem inibe-se em investir em suas vivências e permanece à espera do pai que não retorna. Após anos passados, quando já sofria o começo da velhice, este tenta trocar de lugar com o pai na canoa, quando o pai aceita a troca, o filho corre e foge, seu instinto de sobrevivência reage e a pulsão de vida o leva a fugir.

Podemos dizer que o filho, à margem do rio, esperando o retorno do pai, representa uma vida de luto não aceito, tão pouco elaborado, que segue por toda sua fase adulta até a velhice. Pensando nos entes de desaparecidos, podemos refletir sobre a ausência de um objeto também não representado como perda real, mas simbólica, assim poderíamos concluir que em alguns casos em que o trabalho da elaboração da perda torna-se prolongado, como a do filho da Terceira Margem do Rio, aproxima-se

de um estado melancólico, implicando em um eu modificado e empobrecido, que segundo Freud (1917) seria “uma identificação do eu com o objeto perdido” (p. 246).

Assim, o resgate da libido ocorre quando o luto é adequadamente elaborado, permitindo que o indivíduo recupere a capacidade libidinal que havia sido perdida diante da perda do objeto, compreendendo que o objeto amado já não existe mais. Mesmo que esse objeto seja reencontrado, ele não será o mesmo objeto de investimento psíquico inicial.

As possibilidades aqui encontradas para o trabalho de vivência do luto na clínica psicanalítica, nos reafirmaram o quanto um processo analítico pode contribuir com a elaboração do luto, no sentido de se vivenciar a perda do objeto por meio de memórias e contato com a realidade que lhe acomete. Transpor as fases do luto apresentadas no decorrer deste estudo, na qual, segundo os mesmos autores, são necessárias aos pacientes e respeitando seu tempo, possibilitará ao indivíduo enlutado a aproximação de aceitação do objeto perdido, bem como elaboração e continuidade de seus investimentos libidinais a sua existência.

Concluiu-se que o trabalho de elaboração do luto por um ente desaparecido dependerá das experiências, capacidades, cultura e subjetividade de cada indivíduo, podendo nunca terminar. O tempo e o trabalho do profissional serão essenciais para que essa elaboração possa acontecer. Frente a essa constatação, recomenda-se um processo analítico para que o indivíduo possa de maneira digna e respeitosa no setting terapêutico, reconhecer que o estado de luto é fundamental para elaboração da perda, da dor mensurada, do sofrimento e angústias experimentados pelo paciente, que tende a redirecionar a libido investida no objeto perdido, em outro objeto de desejo.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

ASSUMPÇÃO, E. D. Thanatos - a morte, na mitologia grega. **Dom Total**, 2017. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1204071/2017/11/thanatos-a-morte-na-mitologia-grega/>.

BOWLBY, J. **Apego e perda: Perda: Tristeza e depressão**. Tradução: V. Dutra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Vol. 3. (Obra original publicada em 1973).

BRASIL. **Lei nº 13.812, de 16 de março de 2019**. Institui a Política Nacional de Busca de Pessoas Desaparecidas e cria o Cadastro Nacional de Pessoas Desaparecidas. Diário Oficial da União, 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/13812.htm.

CHARCZUK, A. **Comentário sobre Thanatos na mitologia grega**. [S. l.: s. n.], 2021. [Nota explicativa].

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. **Relatório “Ainda? essa é a palavra que mais dói”**: Avaliação das necessidades de familiares de pessoas desaparecidas em contexto de violência e outras circunstâncias no estado de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/document/ainda-essa-e-palavra-que-mais-doi>

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. São Paulo: FBSP, 2022. Disponível em: <https://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-2022/>

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. In **Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIV. (Trabalho original publicado em 1917 [1915])

INSTITUTO DE PSICOLOGIA QUATRO ESTAÇÕES. **Histórico**. [S. l.]: Instituto de Psicologia Quatro Estações, 1998a. Disponível em: <https://www.4estacoes.com/historico.asp>

INSTITUTO DE PSICOLOGIA QUATRO ESTAÇÕES. Suporte psicológico para situações de perdas e lutos. [S. l.]: Instituto de Psicologia Quatro Estações, 1998b <https://www.4estacoes.com/default.asp>

KLEIN, M. Algumas Consequências Psicológicas da Anatomia Feminina. In: **Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos (1921-1945)**. Obras Completas de Melanie Klein, vol. 1. (J. O. A. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1946. (Trabalho original publicado em 1940).

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963), Obras Completas de Melanie Klein. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Trabalho original publicado em 1946).

KLEIN, M. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos (1940). In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Obras completas de Melanie Klein. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-Ross, E. **Sobre a morte e o morrer**. 10. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2017.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Divisão de Desaparecidos da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC)**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/noticias/?p=328683

ROSA, G. A terceira margem do rio. In: **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Vol. 2, p. 409-413.

SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA DE SÃO PAULO. **Guia de Orientações Busca e Identificação de Pessoas Desaparecidas na Cidade de São Paulo** [Brochura]. São Paulo: Divisão de Desaparecidos, 2020. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/DESAPARECIDOS/CAR_TILHA_DESAPARECIDOS_VF.pdf

SIQUEIRA, A. C.; AZEVEDO, D. F. Terapia do Luto: intervenções clínicas na elaboração do processo de luto. **Revista Farol**, v. 9, n. 9, p. 341-355, 2020.